

BARREDO

• «CAPELAS IMPERFEITAS?»

Uns dias de Retiro no Seminário da Sé foram também oportunidade de encontro com realidades que nos tocam de perto.

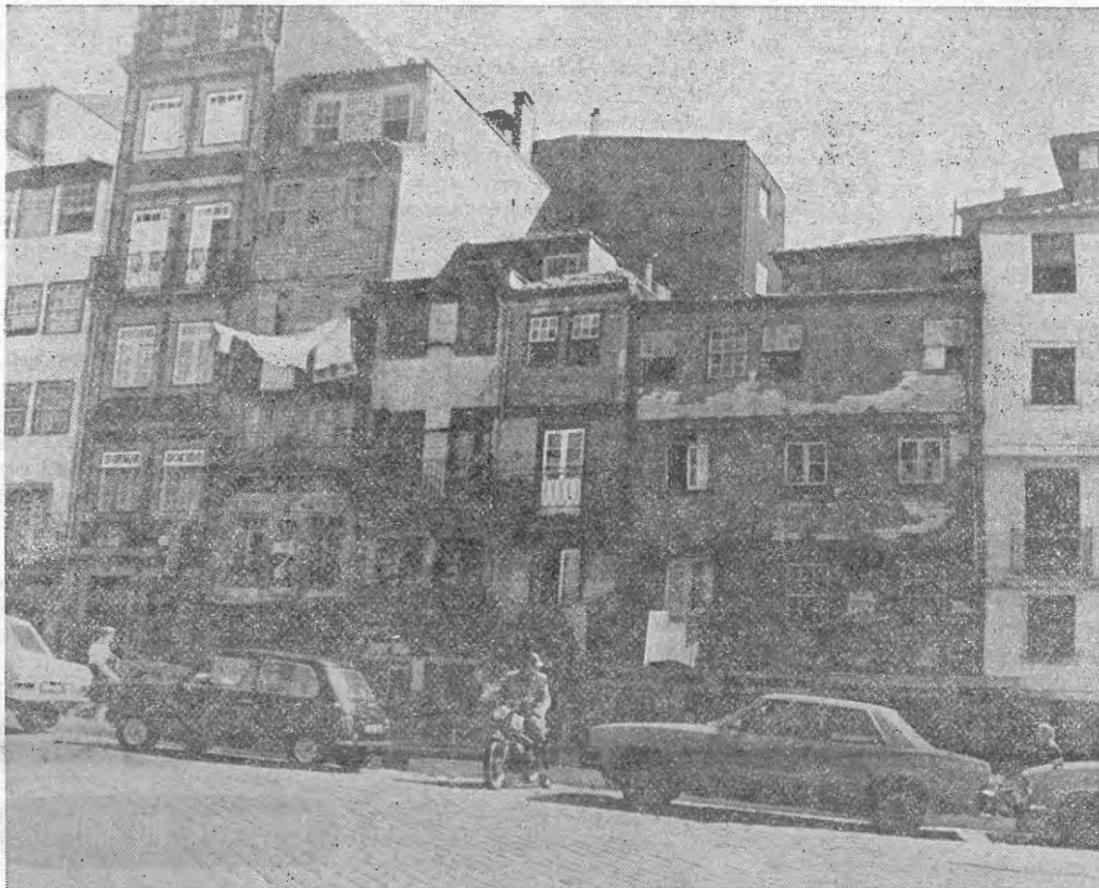
As Escadas do Barredo e algo do seu «miolo», Largo de Pai Américo incluído, constituem a fronteira sul da cerca do Seminário. A poente, as traseiras dos prédios das Ruas dos Mercadores e da Bainharia. Cá do alto, vemos bem os limites do Barredo propriamente dito, o que foi restaurado e o que resta da degradação antiga, entre a qual ainda o vazio da Lada, mas esse a ser reocupado, em breve, por novos prédios. Quem dera a vida que ali vai ser por causa da reconstrução contagiasse ao lado e a renovação do Barredo não quedasse em «capelas imperfeitas» como ora é.

Do túnel rodoviário para cima começa o Bairro da Sé. Aqui quase nada se tem feito. Parte das estreitas ruas estão impedidas por escoras que conservam os prédios de pé! É uma gincana percorrê-las. Deus nos livre do que seria ali um incêndio! Quando se olhar para

aquele mal com vontade firme de o remediar?...

Em uma volta pela cerca, à tardinha, no lugar onde são as instalações que o Seminário sustenta para apoio a crianças e pequenos estudantes da zona, dei com o nosso velho «Relhas» empenhado em arrumações para outras actividades, também em favor das crianças do bairro, que a Associação de Santa Ana mantém. Foi um encontro feliz porque inesperado, embora soubesse da sua intervenção em qualquer obra por ali. Mais contente fiquei ao saber das boas relações do Seminário com este grupo, coexistindo pacificamente ali, naquele pequeno espaço, em serviços complementares daquelas crianças.

Este espaço deita para o adro da Igreja dos Grilos e esta foi outro lugar onde o sentimento se expandiu na recordação de um jovem que, dos quinze aos dezanove anos, a frequentou bastante na companhia dos seus patrões e familiares com quem ia às devoções que, ao tempo, davam muita vida àquele templo.



Quem dera que a renovação do Barredo — em sentido lato — não quedasse em «capelas imperfeitas»!

Nesses anos e nesse ambiente de piedade cristã, ele sentiu mais forte e exprimiu, de novo, a sua vontade de ser padre, a qual, apesar da coadjuvação da mãe, não logrou aco-

Cont. na 4.ª página

SETÚBAL

Os fins-de-semana têm sido os tempos mais pesados da vida, nesta época estival. As férias dos rapazes exigem muito de nós para que sejam agradáveis e os reconfortem. É necessário atenção a tudo, desde a alimentação aos jogos e aos prazeres saudáveis e compensadores.

Os adolescentes e os jovens menos amadurecidos sentem novamente os impactos perturbadores do mundo pagão, sensual e agressivo que nos envolve, manifestando-se, por vezes, em atitudes incompreensíveis de mal-estar que nos atingem por dentro e nos dominam por forma a dispersarem-nos o sono. Há fugas previsíveis e desânimos inesperados. Tudo passa pela nossa sensibilidade como a charrua na terra ressequida e argilosa, deixando-nos a sangrar.

A nossa quinta é um sorvedouro de trabalho, cansaças e cuidados. As colheitas urgem para que se não estraguem. As regas dos pomares e milharais, nestas temperaturas elevadas,

dão ordens irrecusáveis. As oficinas têm os seus problemas e pedem orientações constantes. As dores de dentes, as doenças, as operações e os pequenos desastres seguem-se ininterruptamente.

Quando chega o sábado e tenho de partir para os peditórios fazer centenas de quilómetros debaixo dum sol escaldante, Alentejo abaixo, rumo ao Algarve, às vezes sem alinhar duas ideias para proclamar a Palavra de Deus nas numerosas famílias, apodera-se de mim um misto de receio, de angústia e de cansaço que quase me prostra.

A Capela é o meu refúgio. Uns minutos de silêncio e meditação diante da Luz, dão-me luz. Busco estes momentos com sofreguidão. Recupero o equilíbrio e volto a sonhar.

Foi num destes sábados. Eram onze horas da manhã. O coração começava a apertar-se-me. Entro no Santuário. Não foi preciso ler nada nem pen-

Cont. na 4.ª página

AQUI LISBOA!

«Ajudar é a palavra mais sublime do vocabulário cristão.» (Pai Américo)

No lugar que ocupamos, mau grado as fragilidades inerentes, tudo o que diz respeito ao Homem nos diz parte. Denunciar as injustiças ou os desvarios que se traduzem em desgraças faz parte do nosso compromisso de servir, ainda que em palavras simples e despreziosas.

Hoje queremos falar do jogo, fator de inúmeras misérias como a destruição de muitas famílias, a delapidação do património de muitos lares e, até, em frequentes circunstâncias, de desfalques e de suicídios. Como diz o Povo, não

raro, uma miséria nunca vem só...

O assunto é antigo, mas, nos tempos presentes, assiste-se ao proliferar dos mais variados jogos, muitos dos quais clandestinos. Não falamos já da lotaria, do totobola e do totoloto oficiais. Paralelamente, e não é segredo para ninguém, se dá conta dum enxame de concursos, muitos deles baseados nas terminações da lotaria. Nas tabernas, leitarias, cafés, grupos desportivos e diversos tipos de associações, nos locais de trabalho e outros, há iniciativas desse género. O número de jogos de azar, como a roleta, a banca francesa, os variados tipos de máquinas espalham-se pelo País fora. O bingo, esse

então está na moda. Entretanto, em locais ilegais, os jogos de cartas a dinheiro multiplicam-se, desde o bacará à «suecada», ao «king», ao «burro» e ao «bluff», para já não falar na simples «vermelhinha», muito corrente nas feiras.

Poder-se-á dizer que em termos gerais, o jogo é uma tentação para muitos homens. Uns querem ser ricos à força, sem trabalho ou qualquer tipo de esforço; outros, porque lhes é vedado atingir certos anseios ou viveres com dificuldades reais, buscam no jogo a satisfação dos seus objectivos ou necessidades, delapidando, em casos extremos, o que têm e o que não

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Fechámos os olhos... e entregámos a obra — referida na última edição — nas mãos de Deus e dos leitores.

Ao longo dos anos realizámos idênticas acções, pois o seu custo está subjacente na miséria merecida dos Pobres.

Já estendemos a mão a um futuro engenheiro civil. Fez o risco para juntar ao requerimento oficial, entregue nas mãos de quem de direito, que transmitiu imediato deferimento: «*Andem prà frente!*»

Passámos recado ao pedreiro. «*Só posso começar no princípio de Novembro!*» Muito ocupado, como aliás todo o sector da construção civil. Um boom?!

Optámos por uma laje no tecto da moradia; e levámos a mensagem à fábrica consultada para o efeito: — Se não puderem oferecer o material, que ao menos seja o preço de custo. Não façam negócio com os Pobres!

Quando O GAIATO chegar à mão dos leitores, a laje espera o pedreiro que fará, também, um preço em conta, pois sabe como a vida é difícil. Se confiássemos o trabalho a um empreiteiro de nomeada, seria muito mais. Assim, faremos esta obra de Pobres, por mãos pobres, com a partilha dos leitores. Serão dezenas de contos!

Há famílias sem casa e temos esperança de solução.

● Marcado por antecedentes..., tem por remédio o seu temperamento alegre, sociável. «*São todos meus amigos!*»

Noite cerrada, topamo-lo no bar da Humanitária.

— Espere. Iremos os dois, que V. precisa de descansar...

Então, mostra uma receita de oftalmologia: — *Tá a ver?, tenho de mudar os óculos! Ficam por um di-nheirão...!*

— Não queremos vê-lo de mão estendida...!

Arregala os olhos e demora a resposta, bem equacionada: — *Farei como acharem melhor.*

Enquanto servimos outros, ele prepara o regresso à moradia cedida pelo Património dos Pobres. Para nosso espanto, de gato ao pescoço e cãozinho na trela! «*São os meus companheiros...*»

Queríamos dar a razão de tudo isto, pois correu o País como um cigano. Mas tem direito à sua privacidade. Foi mecânico, de profissão, na Grande Lisboa. Tão competente, que beneficiou de estadia, numa especialidade, em fábrica alemã de projecção mundial. Aqui tombou, por fim, em paraquedas que Deus abriu, na terra onde Pai Américo fez maravilhas. Quem avaliar os homens por régua e esquadro, dirá que o nosso amigo *desceu* na vida. Porém, não deixa de ser quem é! Merece respeito, solidariedade. Agora, mais!

● PARTILHA — Assinante 20856, de Espinho, com um cheque *referente*

ao primeiro semestre de 1988, pequena ajuda para as necessidades da Conferência de Paço de Sousa». Mais um, do assinante 28528, «*a fim de ser aplicado na obra que julgarem mais conveniente*». A reconstrução da citada moradia!

Alemanha Federal: Cinquenta marcos, da assinante 2838, «*para os Irmãos pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus (É assim? Não tenho a certeza)*». Certíssimo! Acrescenta: «*Li, recentemente, esta frase que não quero olvidar: «Esquece o que dá. Lembra-te do que recibes». Obrigada, Senhor!*»

Vila Nova de Gaia: Outro cheque do assinante 13305, em discreto sobrescrito. «*Uma portuense qualquer*» continua a perseverar: «*Tenciono passar uns dias fora do Porto, se Deus quiser. Por isso, envio já a minha galinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.*»

Mais perseverança: O habitual cheque da assinante 31104, pedindo preces. «*Talvez assim o Céu atenda.*» Anónima tripeira — da Rua António Carneiro — «*dois mil escudos para as incontáveis aflições*» que deparamos. Oportuníssima remessa da assinante 44492: «*Coisas de minha nora e minha cunhada*» — mãos dadas a caminho dos Pobres.

«*A partilha de Setembro, com saudações fraternas*», pela mão de «*uma assinante de Paço de Arcos*» (que não falha!); vale de correio, da assinante 27063, que «*pede uma oração pelas suas melhoras*»; e dez contos, de um sargento ajudante do Exército, aposentado. Armas da Paz!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

● CARRINHOS — Especialmente no Verão, a nossa Aldeia fica cheia de carrinhos de rolamentos que deslizam na avenida e outras rampas. São como os últimos cartuchos verónicos, antes do início de mais um ano lectivo. Quando surgem, fazem um bas-



Bruno Miguel, filho do João Manuel Capela (que foi à Casa do Gaiato em Paço de Sousa) e da Maria do Carmo.

quiro terrível que até nos arrepiava o coração!

● AGROPECUÁRIA — Os tourinhos, crescidos e saudáveis, estão já uns verdadeiros touros. As vacas continuam a fornecer bom e apetitoso leite que bebemos ao pequeno-almoço.

O milho custou a desenvolver-se, por via da chuva, mas está recomposto. Esperamos que a broa seja uma constante nas refeições.

A vinha também sofreu com o mau tempo. Teremos menos vinho!

Quanto a produtos hortícolas, há tomates em grande quantidade, bem como feijão verde, nabos, cebolas e outras leguminosas.

Os cozinheiros não se poupam, com o material fresco e saboroso, na preparação de bons petiscos; especialmente, sopas e saladas.

● NOVOS GAIATOS — Em nossa Casa há mudanças constantes, entradas e saídas de rapazes. O «*Tó Miguel*» foi o último a chegar. Com cinco anitos, e muita genica, já ocupou o seu lugar no meio dos «*Batatinhas*».

● FILME — Em nossa Casa está um grupo de dezassete jovens com material de filmagem. Querem realizar uma espécie de documentário. Isto é só para facilitar a pormenorização...

Luorenço

MIRANDA DO CORVO

● TIPOGRAFIA — Faz três anos que a nossa tipografia começou a funcionar

Na altura, um grupo foi à Gráfica de Coimhira aprender, restando o Serafim e o Henrique. Hoje, também o Bernardo é aprendiz.

Responderam a algumas perguntas: — Bernardo, há quanto tempo estás na tipografia?

— Há meio ano.

— É uma actividade de que gostas ou ambicionas outra?

— Gosto desta actividade.

— Já aprendeste alguma coisa. O quê, por exemplo?

— Impressão e encadernação.

— Henrique, ser tipógrafo é uma actividade de que gostas ou ambicionas outra?

— Gosto.

— O que aprendeste, até agora, é suficiente?

— Para trabalhar com certas máquinas, sim; mas, para outras é somente uma base.

— Serafim, como mais responsável pela tipografia, também é uma actividade de que gostas ou ambicionas outra?

— Gosto.

— Têm tido, com frequência, muito trabalho? De que género, principalmente?

— Não temos tido muitos trabalhos. São facturas, guias, cartões de visita, cartazes, um jornal mensal.

— O que é que gostarias de dizer aos leitores?

— Que colaborassem mais com a nossa tipografia em trabalhos...

● DESPORTO/CONVÍVIO — Tivemos um segundo jogo com o grupo de Casal de S. Tomé, no sábado, dia 3, à tarde. Em geral, malta nova contra homens de trinta e quarenta e tais. Vencemos, mas deram-nos uma lição, aqui e lá, pela sua maneira amigável, pelo convívio. Lá, foi um belo dia; e cá, retribuimos. Se o desporto também por aqui caminha, então é de não deixar perder e convidar quem assim o pratica...

Guido

Tojal

Depois de um ano cheio de ocupações gostamos de ter as nossas férias para vivermos com mais serenidade.

Estivemos em São Julião da Ericeira, em Mira com a Comunidade

de Miranda do Corvo e na Arrábida com os gaiatos de Setúbal. Foram dias maravilhosos! Com muita Paz e onde reinou a alegria.

Um dos mais velhos conta como foram as suas férias: «*Nós, os responsáveis, abrimos para os mais pequeninos o nosso coração. Às vezes temos que ter muita paciência! É preciso ter muita atenção por eles. Convivemos com fraternidade e alegria dando a nossa mão e o nosso carinho.*»

— Gostastes das férias?

— Claro que sim! Falámos com pessoas simpáticas e muito alegres. Íamos à Colónia Balnear buscar as coisas que nos ofereciam. As férias são para descansar e brincar. São muito divertidas: jogámos à bola, às raquetes e ao ténis. Mas nunca deixámos de cumprir a nossa obrigação diária. Eu sou a lavar louça. Todos os dias íamos à praia. Tomávamos banhos de sol e dávamos muitos mergulhos no mar! Na praia fazíamos castelos com a areia, apanhávamos lapas e mexilhões nas rochas. Os mais velhos acompanhavam os mais pequeninos nos banhos. Esteve connosco um casal gaiato. O Miguel e o Adriano, que fazem parte do Movimento de Leigos para o Desenvolvimento, preferiram estar connosco. A alegria que víamos neles! Ajudavam os mais pequeninos a fazer as caminhas, divertiam-nos com jogos, histórias. Todos os sábados o Padre Luiz celebrava a Missa vespertina, aqui, na praia.

O Padre Luiz fez 25 anos de sacerdócio em 4 de Agosto de 1988. Queríamos oferecer uma surpresa. Alguns rapazes prepararam a Capela. O Altar estava rodeado de bonitas flores. O Francisco preparou e ensaiou os cânticos. Após a celebração todos cantámos «*parabéns a você...*»

!Nestas férias estive connosco a D. Helena, já com 65 anos e 18 de Casa do Gaiato: «*As férias na praia são agradáveis junto dos nossos rapazes a quem lhes dou o meu amor e carinho. É desgastante. Temos que acudir a todas as necessidades de que carecem. Dou a todos o meu melhor! Nem sempre sucede amar como desejaria, mas é com toda a minha vontade e muita alegria que me dedico a todos os gaiatos e em qualquer lugar.*»

José Manuel dos Anjos Nunes

Lar Operário em Lamego

São muitas, e de diversos aspectos, as actividades deste Lar. A principal finalidade é atender rapazes que necessitam de qualquer colaboração. É, todavia, muito complexo o modo de fazer selecção entre os casos apresentados.

Hoje falamos de alguém da terceira idade e que não tem família. Não sentimos co-

ragem de lhe dizer que isso não é connosco. Empregamos os meios disponíveis, com intenção de dar àquele nosso irmão o que lhe falta.

Depois, aparece um deficien-



OBSERVANDO PAÇO DE SOUSA

Anteriormente escrevi umas linhas, que O GAIATO publicou, recordando Coimbra. Voltou a escrever mais algumas, mas agora acerca do que observei, durante os dias que aqui — na Casa Mãe — vivi em companhia dos seus habitantes, meus irmãos mais novos.

Vi a quinta, esquadrinhei-a nos seus limites e apreciei as suas culturas, as suas latadas, a sua mata.

Observei as oficinas de seralharria, carpintaria, sapataria, alfaiataria e tipografia. Esta será sempre a mais importante, pois dela saem as dezenas de milhar de exemplares de O GAIATO que, quinzenalmente, leva aos seus assinantes e lei-

te profundo, incapaz de se bastar só por si. É o pai ou a mãe que fala a expor o problema. Enquanto vivos... dão-lhe todo o carinho, mas vêm aproximar-se o fim da vida e não queriam que ficasse abandonado aquele que é fruto do seu amor e que lhe está no coração com todas as suas deficiências.

Amanhã vem um casal humilde e trabalhador, com dois ou três palmos de terra conseguidos por favor, e desejam construir a «sua casa». Vêm já os filhinhos que não-de chegar e querem ter um cantinho airoso para colocar o berço. Não lhes cortamos a esperança, e pelo menos a oferta de algumas telhas e de alguns sacos de cimento dá-lhes mais coragem.

O caso apresentado na hora a seguir é ainda mais complexo. Criança bem dotada intelectualmente tem «levado sempre a seguir» os anos escolares. Apesar das muitas facilidades da parte do ensino oficial, com os respectivos subsídios, há ainda muito material escolar a comprar, e a família não tem possibilidades. Onde está o motivo para lhe voltar as costas impedindo assim que haja, amanhã, ao serviço da comunidade, mais um elemento válido?

Poderíamos continuar a desfiar a série imensa de carenciados, de diferentes matizes. Se alguém se voltar só para um lado e tiver espírito de compreensão e interesse pelos outros, a sua vida é dolorosa e o seu caminhar muito perto do martírio. Já temos sentido vontade de ir mais depressa para o Pai, diante das nossas grandes limitações. O valor das maiores ou mais pequenas gotinhas que nos vão chegando, só por Deus podem ser avaliadas. E, às vezes, quase sempre, o teu donativo vem na hora própria para dar esperança e luz a quem trazia a alma e o coração enegrecidos pela necessidade que tortura o seu viver.

Padre Duarte

tores palavras amigas, dando notícias da vida de uma comunidade de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, como é sua divisa. Aproveitámos para ver, também, um novo bloco em acabamento, onde vão ficar instaladas as novas oficinas de tipografia, alfaiataria e sapataria.

A quinta que, em tempos recuados, foi propriedade de frades beneditinos e em 1943 entregou a Pai Américo, destinada aos fins que hoje serve, é, topograficamente, de forma aproximadamente oval, com duas elevações fronteiras uma à outra, ligadas pelas respectivas vertentes, formando um vale; está retalhada em leiras onde se cultivava o milho, a batata, a couve, as forragens, a vinha de latada que, por todo o lado, é uma constante; possui ainda árvores de fruto, alguns castanheiros, sobressaindo, na encosta mais alta, fronteira à zona habitacional, a mata de eucaliptos e pinheiros.

A água não falta e há vários tanques espalhados pelo terreno, destinados à rega das culturas.

Complementarmente, há uma pequena pecuária constituída por algumas vacas leiteiras e ovelhas, mais uns centos de galinhas poedeiras e outros tantos pintos de dia que, atingindo o crescimento apropriado, aprovisionarão a despensa.

Do lado habitacional, há a casa principal com refeitório e cozinha, seguindo-se, à direita,

a Capela onde repousa o Fundador da Obra da Rua, o edifício da escola e o da tipografia, que vai mudar para um bloco novo, como se disse acima. Do outro lado, ficam as residências dos rapazes, além da padaria e outros anexos, havendo também infra-estruturas destinadas ao lazer e ao desporto, como os campos de jogo e a piscina, espalhadas em volta do aglomerado dos edifícios.

Por fim... «but not the least» referimos o elemento humano que habita a Aldeia e se conta aproximadamente pelas duas centenas de rapazes numa forma de vivência unifamiliar. E se todos eles têm assegurado o pão de cada dia, todos também, pequenos, médios e mais crescidos têm os seus trabalhos, as suas tarefas. Na parte da formação, profissões ou empregos, uns estudam dentro de portas até ao preparatório, outros continuam os estudos em Penafiel e outros ainda estão empregados na cidade do Porto.

Uma das observações mais interessantes que pude fazer sintetizo-a do modo seguinte: terminada a refeição da manhã, por exemplo, os rapazes dispersam-se. Há os que trabalham nas oficinas, os que mondram as culturas, o tratadorista com o seu trator que leva e traz palha, lenha, etc., mas apesar desta azáfama em que se ocupam e dispersam no espaço da quinta, quem entra

não vê praticamente ninguém, não se apercebe do que se passa. Porém, ao aproximar das horas de reunião, casos do almoço, terço e jantar, não tarda vê-los reunidos em volta da casa principal num aglomerado de vida fervente, o que leva a perguntar: onde estava metido todo este formigueiro humano?

No entanto, é deste formigueiro que cada uma das suas componentes, perdida que esteve no seu meio de origem, e que uma vez tornada habitante desta Casa, há-de crescer e

preparar-se para um emprego ou ofício e ser um homem útil à sociedade.

Referência que não desejo omitir é a de que numa zona periférica da quinta, a Obra construiu casas destinadas à habitação de rapazes que, tendo constituído família, continuam seus colaboradores. E assim o sonho de Américo Monteiro de Aguiar — o Pai Américo — se transforma em realidade pelo «milagre» da sua fé e da sua entrega total a Deus, em vida.

Na nossa memória, obrigado e bem hajas «Pai de tantos e também meu».

Alberto Augusto M. Nunes

Novos Assinantes de O GAIATO

Durante a época de férias recebemos muitos assinantes, qual sangue novo para manter a chama, suprir os que ficam pelo caminho e aumentarmos a precissão.

O Famoso está no seio das famílias e é acolhido com afecto: «Em nossa casa — afirma a assinante 23409 — lemos sempre O GAIATO com simpatia e desejamos-lhe muitos anos de vida».

Assinante 35203, das planuras alentejanas: «Escrevo estas palavras com grande alegria... pedindo O GAIATO para a minha irmã, que mora no Algarve, e estou certa ficará encantada».

Porto: «Peço uma assinatura do vosso jornal (que leio assiduamente) em nome da minha mãe (que vive lá mais para o interior (Sernancelhe) e vai gostar de ler...»

Assinante 30044: «Solicito já o próximo número d'O GAIATO para o meu neto, por coincidir com o seu 12.º aniversário natalício. Agradeço não esqueçam, por se tratar não só duma surpresa como, também, prenda de aniversário».

Assinante 17477: «Sou assinante há mais de trinta anos. Resido em Viseu. Tenho conseguido novos leitores entre colegas e, sobretudo, entre os alunos. Mãe de seis filhos, acabo de ser avó dum pequenino — Marcos! Como podem calcular, sinto-me imensamente feliz! Deixei tudo e vim uns dias para junto do meu netinho (até já me marcou o rosto com tantos belinhos...!). Desculpem, mas é para dizer que entre os pequeninos presentes queria oferecer-lhe desde a primeira hora, a assinatura d'O GAIATO».

Ricas imagens da Família! Fermento na massa, pois tantas há, pelo mundo fora, destrocadas. Um, por miséria material; outras, pela abundância; e, em muitas delas, os filhos sofrem as consequências...

Continuemos a citar mais algumas notas que sobressaem no desfile. Passa uma leitora,

do Porto, «há muito admiradora da Obra da Rua e, por descuido — confessa — não sou assinante. Por isso, a partir de agora, peço me considerem mais amiga e mandem O GAIATO pelo correio».

As inscrições feitas directamente pelos interessados surgem em grande plano. Eis um jovem, da Covilhã: «Sou um rapaz de 23 anos. Tive a honra de ser abordado por um gaiato — que distribuía o jornal — e, por curiosidade, fiquei com ele. Gostei! Por isso, venho fazer-me assinante.»

No mirante da precissão topamos mais uma presença da Invicta, que passara por uma das nossas Casas com a intenção de ser assinante, mas deve ter havido confusão da minha parte ou de quem atendeu... Portanto, fique bem claro: Fui aí para ser nova assinante dum jornal que trago sempre para casa e gosto imenso de ler».

Importante nota da assinante 29505: «Falei com as pessoas (7) que me autorizaram a comunicar a sua inscrição no Famoso. São poucos, mas futuramente irei diligenciar para maior divulgação do jornal».

Outra legenda bem visível: «Sou uma recente assinante, mas conheço O GAIATO há bastante tempo. A minha irmã recebia-o no emprego. Agora, estamos aposentadas e tornome assinante, pois lia os meus irmãos. Quero tomar um compromisso com a Obra da Rua! Leio o jornal sempre com atenção e não sei a coluna que mais me atrai, todas cheias de interesse e até de Vida. Sou duma terra cujos moradores não têm muito tempo para se dedicarem aos Outros — eu inclusivamente — talvez por falta de Amor».

Fenómeno das grandes urbes!

Por fim, registamos presenças de Mulhouse, Sur Seine, Vichy e Paris (França); mais Stuttgart (República Federal da Alemanha).

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

possuem. Em outro tipo de sorteios as pessoas vivem como que narcotizadas, desde o momento em que efectivamente jogam e a hora do conhecimento dos resultados. Assim, sucessivamente, vão vivendo na «esperança» de ver os seus projectos concretizados, sem nunca o conseguirem, como é óbvio, na sua grande maioria.

Segundo nos é dado observar, quanto mais o materialismo se vai impregnando com a libertinagem, o hedonismo e os prazeres a comandarem a vida, mais a tentação do jogo se espraia. O mesmo se diga quando uma justa distribuição está ausente, gerando dificuldades diversas. O jogo é, assim, o escape ou a «solução» dos problemas ou aspirações das pessoas.

Sabemos que no Brasil, por exemplo, o «bicho» é uma instituição nacional. Os pobres querem ascender através da sorte, já que outras possibilidades não têm. Em Espanha, por sua vez, nas ruas centrais dos grandes centros, é corrente ver «banqueiros» rodeados de

jogadores. Em Portugal, a caminhar pelo que vemos, as coisas seguem na mesma direcção, denunciando um mal estar social, quer pelas ambições desmedidas de grandeza ou pelas dificuldades efectivamente existentes. Seja como for, os indicadores não são muito promissores.

Ao escrevermos estas linhas tivemos em vista as sequelas gravosas para tanta gente do vício do jogo, também chamado ludotopia. Que o sentido de equilíbrio das coisas e a justiça estejam presentes, para que não se entregue às leis do azar a solução das necessidades efectivas de cada um. O trabalho deverá ser a grande fonte de riqueza do homem em ordem ao seu sustento e à satisfação das suas rectas aspirações.

■ A Capela, de sonho, vai caminhando para se tornar realidade. Os nossos Amigos têm vindo a explicar-se. Oportunamente falaremos do assunto com maior detalhe, para que as dores de parto e as alegrias sejam de todos.

Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Hoje é um cantinho de dor. É tudo uma selvajaria! — foi o comentário que fez um agente policial. Tinha razão aquele homem, diante de tudo remexido no nosso Lar de Coimbra.

O Guido já tinha dado por um vidro tirado duma janela, mas não entrou. Foi a senhora que deu o alarme ao entrar em casa e ao ver toda aquela desordem e destruição.

Eu soube pela notícia dum jornal diário. Assaltos a igrejas e à Casa do Gaiato. No grupo de jovens assaltantes,

dois já estiveram em nossa Casa: o Pedro e o António Manuel.

O meu cantinho de dor tem aqui o seu centro. Nós não somos uma Obra de meninos bons. A Obra do Padre Américo é para os mais repelentes, os mais enfeitados. Mas damos tudo para que eles se transformem. E quantos se têm transformado!...

Nos últimos dias tenho recordado a última conversa com o Pedro. Veio para nós com quinze anos e esteve connosco

poucos meses. Foi recebido, em pequenino, num Lar de meninos e meninas. Estava a ser grande estorvo na vida daquele Lar.

O Pedro foi abandonado pelos pais, pouco depois de ter nascido. Na nossa conversa daquela noite, vi a sua revolta. Muito cedo foi encaminhado por alguns mais velhos para o roubo e para a prostituição. Vícios que já fazem parte da sua vida.

Recordo aquela tarde em que, sem contar, o encontrei na Penitenciária. Como ele parecia descontrariado a descrever pormenores do roubo que tinha ido fazer ao escritório da nossa Casa! Um ambiente humano de total desocupação. Os mais sabidos a instruir os mais ignorantes. Que se há-de esperar destes homens?

Tenho recordado a última manhã do António Manuel. Encontrou a chave na porta do escritório, entrou e pegou no dinheiro da venda d'O GAIA-TO, em Tomar, e fugiu. Até hoje nunca mais o vi.

Recordo o dia em que o fui buscar ao Ninho e o levei para a praia. Tinha ele seis anos. Nasceu e nunca soube da família. Cresceu naturalmente e era querido de todos. Aos carterze anos conheceu um irmão que lhe falou da família. Daí a algum tempo, numa rua, conheceu a mãe. Dois meses depois, noutra rua, apareceu o pai. Teve assim conhecimento do drama e do abandono familiar.

Daí em diante, a vida do António Manuel começou a mudar. Pouco amor no estudo.

Pouco sério nas contas. Muitas prendinhas «às colegas». Um olhar sempre vazio. Quantas conversas? Quantas promessas? Quantas esperanças ainda fui guardando no coração! Fugiu, há muitos meses, e agora fazia parte do grupo de assaltantes.

Na minha dor tenho pensado nas causas dos assaltos deste nosso tempo. A primeira e a maior me parece o abandono familiar. Os filhos sentem-se órfãos e a sabermos dos pais vivos. Ainda ontem o correio trazia um pedido de oração para que o pai volte para a família que abandonou, há pouco. Os filhos serão as grandes viti-

mas do abandono da vida do casal.

Outra causa é o tempo de ociosidade. A maior parte dos nossos jovens não têm tempos ocupados. Vivem ao «deus dará». Criam vícios de gastar. A sociedade de consumo em que vivemos tem muita influência na vida da nossa juventude. Os programas. As montras. O desafio para uma vida de liberdade, sem responsabilidade.

Com esta comunhão de dor partilhada convosco vou continuar na esperança de um mundo melhor, esperança que deve ser alimentada na confiança no nosso bom Deus.

Padre Horácio

CANTINHO DAS SENHORAS

Estamos a terminar o nosso Retiro anual das Senhoras da Obra da Rua.

Passámos cinco dias de encontro com Deus, connosco e com os problemas do mundo. O Retiro foi leve e profundo. Os momentos mais altos, para todas, foram os momentos de oração.

Louvámos o Senhor por nos termos encontrado aqui. Louvámos e agradecemos por um dia nos ter ido pescar e trazer para a grande barca da Obra da Rua. Nos nossos momentos com o Senhor lembrámos-Lhe, também, todos os recados que nos tendes dado. Não esqueçamos nenhum dos nossos Amigos.

Levámos connosco a certeza da companhia do Senhor e o calor das nossas orações.

Nossa Senhora foi a «grande lembrada». Como modelo, neste Retiro, será o nosso conforto nos caminhos da Vida.

«Cantai ao Senhor porque Ele é bom, porque é Eterno o Seu Amor.»

Deus faz maravilhas! Louvemos e agradeçamos tudo o que fez por nós. Temos a certeza dum Caminho. Ele nos guia e conduz. Com Seu Espírito — o Consolador.

Arrábida, 4/9/88

Isaura (de Setúbal)



Cont. da 1.ª página

sar nada, nem olhar para o Sacrário. O João Luís mais o «Gatinho» faziam limpeza ao lajedo e aos bancos da Capela, manobrando a vassoura e os panos. Foi quando chegou para me inundar de alegria. Quase me pôs em êxtase. Ambos vieram do desleixo, da desordem, da imundície! Meu Deus... que lindo! Eles a limpem-Te a Capela. Serenamente. Silenciosamente. Carinhosamente. A prepararem o recinto para o Grande Sacrifício dominical com a comunidade inteira!

O João Luís veio da Brejoira, perto de Azeitão, com mais dois irmãos. Pela morte do pai e abandono da mãe a sua casa tornou-se um pandemónio indescritível com os móveis todos destruídos, roupa suja pelo chão de todos os compartimen-

tos, teias de aranha em quase todos os ângulos das paredes, excrementos de criança por toda a parte, lixo aos montes, etc. As crianças alimentavam-se em casa de vizinhos e entravam na moradia pelo buraco da almofada destruída de uma das portas. «Despidos de hábitos humanos.»

O «Gatinho» veio, de Montemor, com outro irmão. Foi o Tribunal que no-los entregou.

Um grande albergue de peregrinos todo em ruínas, num Santuário Mariano, era a sua morada. Eu nunca vi fantasmas, mas já vi uma casa de fantasmas. Era assim a sua habitação.

O Senhor tinha-me reservado esta lufada de coragem, naquela manhã! Como saboreei o «Vinde a Mim vós que andais sobrecarregados e Eu vos aliviarei!»

Bendisse a espectacular recuperação destas crianças. Bendisse a pedagogia das Casas do Gaiato. Bendisse os sacrifícios e as dores que eles me têm custado. Bendisse a Deus por esta vocação, por esta vida e por esta Fé.

Se eu fosse arrebatado ao Céu e visse os anjos a servir o Senhor, não experimentaria maior felicidade.

Padre Acílio

BARREDO

• «CAPELAS IMPERFEITAS?»

Cont. da 1.ª página

lhimento favorável em seu pai. É claro que me refiro a Pai Américo; melhor, ao jovem Américo, naqueles anos em que trabalhou na loja de ferragens em Mouzinho da Silveira, até quase ao fim de 1906, quando embarcou para Moçambique.

A Igreja dos Grilos faz costas com o Seminário; o culto está a cargo dos seus padres. Já assim era no princípio deste século. Nos dias abrasadores desta semana foi lugar de refrigerio onde, por muitas e mais

esta razão, sabia bem e me fez bem parar.

O sossego destes dias permitiu-me, ainda, retomar contacto com as Jornadas de Teologia que, há ano e meio, decorreram em Coimbra sob o tema geral «A Igreja e a opção pelos Pobres», escolhido na intenção de celebrar o centenário de Pai Américo. Ao principiar esta crónica era sobre elas que pensava discorrer um pouco; mas, porque me alonguei nas outras impressões, ficará para a próxima.

Padre Carlos

Autoconstrução

O incêndio cobre cada vez mais terreno. Alastra soprado pelo vento forte do Amor semeado em comunidades vivas. Se o pároco é a alma, bendito seja o Senhor! Quando assim acontece, a Igreja ganha rosto humano que revela o divino. Chamam-Lhe Mãe.

A faceta mais rica do Património dos Pobres, agora mais sob a forma de «Pequenos Auxílios» à Autoconstrução, está na sua dimensão paroquial. É a Família que aparece. O membro que, sozinho, não pode construir o seu lar, anima-se e caminha em frente. Tem a mão dos irmãos. As pessoas abrem-se. Tornam-se solidárias. O Espírito vence o egoísmo. Nasce a verdadeira Comunidade à medida que se vai exercitando a entreatada. É um milagre!

As cartas que nos chegam revelam o caminho certo da Igreja. Eis: «Como pároco de... dirigi a V. uma carta com a finalidade de pedir à Obra da Rua a colaboração na construção de uma casa para uma viúva, em situação precária e com três filhos menores, de 8, 6 e 4 anos, respectivamente. A de-

cisão foi tomada depois de ouvido o Conselho Paroquial de Pastoral e a própria Junta de Freguesia, para que também esta ficasse comprometida em auxiliar. Na mesma carta se perguntava se podíamos contar com o «chapéu» da mesma, já que também recorreremos a outras entidades e à generosidade da freguesia.

Neste momento já temos o terreno e correm na Câmara as demarques para o projecto da casa. Aguardando uma resposta positiva dessa Obra, pela Comissão Fabriqueira da Paróquia de... O Pároco.»

Ora aqui está um caminho aberto, simples e eficaz. É estreito, à maneira do Evange-

lho; mas, de certeza, que leva ao lugar certo. Sim, é estreito. Por isso, alguns têm medo de caminhar por ele. E a Igreja perde credibilidade.

Deixamos esta carta sobre o alqueire para que todos vejam e amem o que é pequenino aos olhos do mundo, mas que pode confundir a grandeza de obras que alimentam a vaidade e não têm a força do grão de mostarda.

Obrigado, Padre, pela oportunidade que nos dá de viver a vocação da Obra da Rua num dos seus ramos muito necessário — um lar para a família dos pobres.

Padre Manuel António

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel